

O "iapa" de Guimarães Rosa

VILEM FLUSSER

O mmm! Jóia no lotus! Hummm! Há centenas de anos moem os moinhos de reza do Oriente, moem o trigo sagrado da língua para reduzi-lo a pó, ao pó mágico do "iapa". Trituram os moinhos de reza a casca dura do conceito e liberam a palavra da sua prisão lógica, para que a farinha mágica da língua se possa derramar, em torrente vivificante, sobre o espírito e sobre a alma e arrastá-los rumo ao silêncio do Nirvana. A casca dura do conceito e a palha seca da gramática prendem e oprimem o pensamento. O moinho de reza, ao aniquilar o conceito e a gramática, permite ao pensamento alcançar nas asas da língua os céus do Nada. Purificada das crostas do significado lógico, a língua desfralda as suas asas mágico-musicais, desfralda o "iapa". Deixa as planícies procaicas da conversação para elevar o espírito aos cumes poéticos que se aproximam do firmamento silencioso do Nada. Ommm! Mani padme! Hummm!

E nós, os ocidentais, para os quais em vão moem os moinhos tibetanos, estaremos nós condenados à prisão perpetua da gramática e do conceito? Não, temos Guimarães Rosa. Neste artigo, pretendo comunicar aos leitores algo da força elementar do "iapa" que se derramou sobre mim, violenta e vivificante, quando fiquei exposto, há poucos dias, a Guimarães Rosa. Acabo de publicar um livro, "Língua e Realidade", no qual abordo, timidamente, o problema do "iapa". Esse livro era a razão ostensiva do meu choque com Guimarães Rosa. A razão profunda é a corrente majestosa da língua portuguesa, contra a qual ambos nadamos, embora ele o faça de maneira gloriosamente produtiva, e eu de maneira modestamente fragmentadora. Convidou-me Guimarães Rosa para uma aliança neste esforço, e aceitei o convite, como a toupeira (ou "taipa" como diz ele) aceita a aliança com o vulcão no seu esforço contra a crosta terrestre. O presente artigo quer ser a primeira contribuição a essa aliança.

A língua portuguesa em seu estágio atual e tal como está sendo falada, escrita e pensada no Brasil oferece um espetáculo singular, no conjunto das línguas do Ocidente. É uma língua neolatina, o que equivale a dizer que é uma corrupção bárbara da língua latina. Isto a distingue das línguas germânicas e eslavas, que brotam diretamente do humus linguístico sem terem passado pelo banho purificador do latim e pela decadência vulgarizante da migração dos povos. Mas o português se distingue das demais línguas neolatinas por ter sofrido um segundo purgatório no curso do seu avanço. Purificou-se no Renascimento, quando todas as línguas neolatinas (com exceção talvez do romeno), derrubaram finalmente a barreira do latim e começaram sua marcha vitoriosa para um desenvolvimento independente. Mas recaiu na barbarie da vulgaridade e do preciosismo depois de um breve florescimento. No instante do seu emergir desse seu

Para compreendermos o que acontece comparemos o português com outras línguas. O francês, herdeiro aparente do latim, vem reconquistando, há pelo menos quatrocentos anos, o terreno da clara e distinta beleza estrutural do pensamento latino. O tecido da língua francesa, tendo integrado dentro de si os elementos bárbaros e latinos, expande-se sistematicamente em largura e profundidade, para submeter territórios sempre mais amplos à sua ação ordenadora. Ciência e filosofia, poesia e teologia submetem-se à estrutura cristalina da língua francesa e adaptam-se a ela. Os intelectos que participam da conversação francesa ou se rendem ao seu espírito, ou se desfazem, como Beckett, Artaud e Ionesco, em salada de palavras. O alemão, cujas fontes brotam diretamente do fundamento pré-histórico da língua, e cujas palavras estão carregadas da penumbra misteriosa que a proximidade da origem lhes proporciona, inunda a conversação ocidental com seus conceitos e suas formas gramaticais dificilmente penetráveis. Surge, graças a essa língua, um novo tipo de filosofar, um novo tipo de poesia, uma nova teologia. Os intelectos que participam da conversação alemã, imbuídos como são pelo lusco-fusco dessa língua, encontram um labirinto de significados em toda direção que escolhem. O russo, herdeiro tardio do grego, irrompeu dramaticamente há pouco mais de cem anos da crisálida de um "patois" humilde, um "patois" que tem o aroma da terra, para resplandecer em forma de poesia lírica, no romance e no teatro. Mas a sua força criadora, com seus verbos plásticos, seus prefixos multiformes e sua melodia a um tempo suave e vigorosa, ainda não se apoderou de todos os terrenos do pensamento, e a rigidez pedante da nova ortodoxia que o oprime, dificulta o seu avanço.

O português ressurgiu do seu sono de duas direções absurdamente incongruentes: do sertão e das bibliotecas. É como se tivesse guardado a língua de Cícero e de Camões simultaneamente em estufa e em geladeira para conservá-la. No sertão o português retomou contacto com a natureza bruta e, com assistência de elementos índios e bantus, ensalou como que uma terceira primitividade. Nas bibliotecas iniciou o português essa dança formalista em redor de si mesmo, esse minueto narcisista que o caracterizava até um passado recentíssimo e que resultou na maré dos estudos gramaticais e retóricos, sinais da esterilidade. Agora os dois braços do rio português estão convergindo, tendo à margem direita os campos gerais do pseudoprimitivismo, à margem esquerda a Serra do Preciosismo, e, à terceira margem do rio, Guimarães Rosa. Graças a ele o português está adquirindo, a olhos vistos, as características de língua poética, filosófica e teológica; a participar do ravante da conversação do Ocidente.

Neste esforço criador Guimarães Rosa se apoia tanto sobre o sertão como sobre a biblioteca. Viaja com os vaqueiros em

çar uma ligação entre Heidegger e Guimarães Rosa. "Holz" é uma palavra antiga alemã que significa "floresta", mas também "madeira" e, com pequeno salto, "matéria-prima". "Holzwege" são veredas sem rumo, veredas frustradas. E retraduzo "Grande Sertão: Veredas" para o português por: "Grande matéria-prima: esforço frustrado". A partir dessa retradução é possível construir toda uma ontologia que seria, conforme creio, dentro do espírito de Guimarães Rosa. E proponho uma análise da palavra "Nonada" que aponta os seguintes horizontes: "Não nada", "Não ao nada", "Não há nada", "No nada", e finalmente "non rem nam". A negação do "nichts" heideggeriano e do "néant" sartriano é o ponto de partida do Grande Sertão com suas veredas. E traduzo a frase heideggeriana "Das Nichts nichtet" (o nada nadaifica) para a língua de Guimarães Rosa: "Nonada". Assim creio devemos manejar a arma poderosa que Guimarães Rosa nos confia.

Mas será que Guimarães Rosa está construindo a sua língua para as finalidades que acabo de propor aos leitores? A resposta é um enfático "nonada". Porque utilizando a língua para a especulação filosófica estaremos engrossando as fileiras dos hermógenes, estaremos hermetizando a língua. E é justamente contra essa hermetização, essa intelectualização e conceitualização que Riobaldo luta. Hermes, o pai dos hermógenes, é o intelecto ensinamento, fechado hermeticamente sobre si mesmo, é o demo contra o qual Riobaldo lança o desafio do nonada. Há um profundo anti-intelectualismo nos esforços linguísticos de Guimarães Rosa. São esforços dirigidos contra a língua, esse intelecto pai-

furoso da língua, de um triturar e um moer de língua, porque a língua, sendo intelecto, é o demo. O pacto que Guimarães Rosa assinou com a língua no "trivium" do grande sertão, é o usa para destruí-la. A força diabólica da língua, pela qual é possesso, éle pretende usá-la como exorcismo. E se nós, persuadidos por éle, nos entregarmos a ela, encantados, estaremos nos entregando ao diabo.

Mas será esta toda a verdade? O nome Riobaldo é nega. Qual rio lança-se contra o intelecto, mas lança-se debalde. O seu anti-intelectualismo está frustrado. É o próprio invadido pelo doce veneno da língua. O próprio Riobaldo é um hermógenes disfarçado. É a dupla negação do nonada é uma afirmação dialética, tanto do intelecto como da "intuição", tanto da língua como do silêncio, tanto do diabo como de Deus. A impossibilidade terrível de distinguir entre ambos, e o adorar dialético, o "Diadorim" de ambos, é o tema fundamental da atividade criadora de Guimarães Rosa, como o é de todo espírito imerso em língua. A nova língua que jorra de Guimarães Rosa é uma "diadoração" que é um invocar, um provocar e um evocar do inarticulável. É portanto equívoca essa língua, e justamente por isto uma língua fértil em possibilidades futuras.

Essa dupla adoração (de "adorare" = "falar em direção de"), essa oração hermafrodítica, que tem algo de Hermes e algo de Afrodite, e que Guimarães Rosa chama de "Diadorim", os tibetanos a chamam de "iapa". Como os moinhos de reza elevam o espírito rumo ao nada pela trituração sistemática da língua, assim o nosso espírito é libertado do jugo do significado de Guimarães Rosa. Ele destrói em nós as algemas do conceito e da gramática, e abre uma abertura para o nada pelo leve sussurrar das vogais e o suave deslizar das consoantes. É a partir dessa abertura que poderemos continuar a conversação portuguesa rumo ao inarticulável. Ommm! Diadorim! Humm!

Rosa está à espreita para captá-la. O espetáculo é empolgante.

busca de palavras e formas." Dorme com os bezerros para captar os ruídos e as imagens brutais que tendem a realizarse na linguagem sertaneja. Sorve a plenitude das vogais e mastiga a dureza das consoantes para apalpar a matéria-prima da língua. Mas, simultaneamente, mergulha nos compêndios, anota e compara formas da gramática latina, hungara, sanscrita ou japonesa para penetrar o tecido da língua e desvendá-lhe a estrutura. E, tendo assim reunido a massa viva e palpitante da língua, põe-se a amassá-la com ambas as mãos para dar-lhe consistência e forma. Nenhum truque, nenhum artifício, nenhum golpe baixo estão proibidos nesse "catch as catch can", nessa luta livre do espírito criador com o seu material, a língua portuguesa. A ingenua onomato-poesia entra nesse jôgo, ("berberro"), e a falsa etimologia ("equiparado = parado em cavalo") e uma sintaxe "ad hoc" ("pois é não?"), e o balbuciar ("lua lualã"), e a verbalização heterodoxa ("urubuir"), e um filosofar sub-reptício ("fazia vácuos"), e saltos abruptos de camadas de significado ("Damadossola = dama da sala, Utrecht = o trecho"). E tôdas as suas capacidades participam desta luta: os sentidos, o sistema neuro-vegetativo, o intelecto, a sensibilidade, a intuição, o palpite, o espanto religioso. Surge, desse esforço inaudito, uma torrente de língua e que é o português do futuro.

Essa nova língua chega até nós em forma de contos e em forma de um romance. Mas nós, os interlocutores de Guimarães Rosa, temos a obrigação de lançar mão dessa língua em novos contextos, se quisermos continuar a conversação por êle iniciada. Ela está á nossa espera para que dela façamos uso em novos campos de significados. Como exemplo de seu destino possível cito o título e a primeira palavra do romance: "Grande Sertão: Veredas" e "Nonada". Proponho, neste exemplo, traduzir estas palavras para o campo da especulação existencial, tão característico da atualidade.

Traduzo "Grande Sertão: Veredas" para o alemão por "Groses Holz: Holzwege" para for-

SUMARIO

Villem Flusser:

O "IAPA" DE GUIMARAES
ROSA

Alfredo Bossi:

O NOSSO TEMPO E
A ESPERANÇA

Lédo Ivo:

O DONO DO DIABO

Pag. 1

RESENHA BIBLIOGRAFICA

Roberto Lopes:

A MARGEM DE EÇA DE
QUEIROZ (II)

Wilson Martins:

ABARIPIANA

Pag. 2

Gaspar Garrido:

UM SOL DE OUTUBRO
(Conto)

Mário Chamie:

FRAXIS E ORALIZAÇÃO

Mário Leônidas Casanova:

ARAQUARA: PASSEIO
A TOCAIA

**Carlos Drummond de
Andrade:**

O FIM NO COMEÇO (Poesia)

Pag. 3

Aureliano Leite:

A POETISA BARBARA
ELIODORA (I)

Reimes Barbosa:

A SEMANA E OS LIVROS

Segismundo Spina:

CRITICA E FILOGOGIA

Pag. 4

João Bethencourt:

UM CONGRESSO DE
DRAMA (I)

Wladimir Herzog:

LINHAS RETAS & TORTAS

José da Veiga Oliveira:

BRITTEN: "WAR
REQUIEM" (II)

Pag. 5

Geraldo Ferraz:

EDVARD MUNCH

Lívio Xavier:

REVISTA DAS REVISTAS

Pag. 6